

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE - O REBELDE SOLITÁRIO
3 e 8 de Novembro de 2022

LES AMANTS / 1958

Os Amantes

Um filme de LOUIS MALLE

Realização: Louis Malle / **Argumento:** Louis Malle e Louise de Vilmorin, baseado em *Point de Lendemain*, de Dominique Viviant, Barão de Denon / **Diálogos:** Louise de Vilmorin / **Direcção de Fotografia:** Henri Decae / **Cenários:** Bernard Evein e Jacques Saulnier / **Música:** Sexteto de cordas nº1 en si bemol maior, op.18, de Brahms / **Som:** Pierre Bertrand / **Montagem:** Kenout Peltier / **Assistente de Realização:** Alain Cavalier / **Interpretação:** JEANNE MOREAU (Jeanne Tournier), Alain Cuny (Henri Tournier), Jean-Marc Bory (Bernard Dubois-Lambert), Judith Magre (Maggy Thiebault-Leroy), José Luis Villalonga (Raoul Flores), Gaston Modot (Coudray), Claude Mansart (Marcelot), Georgette Lobbe (Marthe), Patricia Garcin (Catherine), etc.

Produção: Nouvelles Editions de Films / **Direcção de Produção:** Irenée Leriche / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, versão original legendada electronicamente em português, 90 minutos / **Estreia em Portugal:** Estúdio 444, a 1 de Outubro de 1970.

*Elle ne pouvait hésiter,
on ne résiste pas au bonheur*
(Comentário "off" do filme)

A segunda longa-metragem realizada por Louis Malle (depois da estreia com **Ascenseur pour l'Échafaud**) teve direito a publicidade gratuita e ampliada graças a duas razões: pela positiva, por ter conquistado um Leão de Prata no Festival de Veneza; pela negativa, por causa do escândalo criado em torno da sequência final, onde Malle se arriscava a figurar o acto sexual. Esta última razão deu azo a considerável polémica, e as demonstrações moralistas comuns em casos semelhantes de filmes que se ousem atirar a coisas que as convenções tenham como tabus. Os mais esclarecidos, no entanto, não deixaram de permanecer ao lado do filme de Malle, como aconteceu com a generalidade dos nomes principais da crítica francesa da época. Por exemplo Bazin, falando no "plano moral", dizia que "as intenções do autor são evidentemente irreprováveis e não se podem confundir as audácias de Malle com aquelas que fazem a 'reputação' de demasiados filmes franceses". E mesmo Georges Sadoul, esquecendo a fidelidade à sua cartilha habitual, era capaz das belas frases que se seguem: "O prosaísmo pretendido da primeira parte serve de trampolim ao excepcional fôlego lírico da segunda. A descrição dá então lugar ao poema. Poema do coração e poema da carne, Adão e Eva unindo-se sob os nossos olhos no paraíso terrestre do amor físico, em imagens belas e carnis (...).

Onde poderíamos apreciar melhor este poema carnal a não ser ao pé de Veronese, de Ticiano, de Tintoretto? Estas cenas de amor são o exacto oposto de uma parada carnal”.

Convém dizer que os cinquenta anos que passaram desde **Les Amants** mitigaram (para não dizer que anularam) estas questões. A ousadia de Malle já não faz, hoje, corar ninguém. O que não quer dizer que o filme sofra com isso. Bem pelo contrário, dissipou-se o perfume a escândalo e libertou-se o lirismo - e o filme, que nunca usou o sexo como isco para agarrar espectadores, tem agora o essencial à vista de maneira muito mais límpida.

Malle partiu da adaptação de um conto libertino do século XVIII, transpondo a acção para a sociedade contemporânea. A história, que toda a primeira parte do filme encena com um rigor extremo e um uso fulgurante do écran largo, centra-se na personagem com o seu quê de “bovaryiano” interpretada por uma Jeanne Moreau em estado de graça. Vive na província, em Dijon, onde é casada com o director de um jornal local (Alain Cuny). Regularmente desloca-se a Paris, onde frequenta os círculos mundanos de que em Dijon está afastada, e onde mantém uma relação extra-conjugal com um jogador de polo espanhol (José Luis de Villalonga). A primeira parte do filme, como se disse, cartografa com rigor o mapa das relações de Jeanne, define-lhes subtilmente a natureza (veja-se a fabulosa sequência em que a vemos pela primeira vez com o marido), e com a ajuda do comentário “off” vai esboçando o retrato psicológico da personagem. Os rituais da vida num lado e noutro depressa são apreendidos como fundamentalmente semelhantes: quer com o marido, quer com o amante, Jeanne não encontra senão a monotonia e a prisão em círculos fechados, diferentes apenas na aparência. Começa-se a tornar claro, aos olhos do espectador, que aquilo de que o filme está a falar é a procura de um estado de espírito a que, normalmente, se chama “felicidade”.

O ponto de transição é a sequência do jantar e da noite que se lhe segue, que reúne Jeanne com o marido, o amante, e Bernard, um jovem arqueólogo (Jean-Marc Bory) que Jeanne conhecera por acaso. À clausura que um e outro lhe têm para propôr, escolha a saída - literal e metafórica. No passeio nocturno que prefere fazer em vez de passar a noite com qualquer deles Jeanne encontra por acaso Bernard, e aí o filme muda completamente de tom. Toda a sequência que se segue está eivada de um lirismo belíssimo: o espaço do *scope* torna-se completamente negro com excepção da roupa branca dos actores (praticamente os únicos focos de luz dos enquadramentos) e a história passa para lá das barreiras de qualquer realismo. “On ne peut résister au bonheur” e o “bonheur” é uma coisa mental. É isso que está em causa nessa cenas; como muito bem notou Sadoul, não se trata de nenhuma “parada carnal”, nem é o sexo que motiva as personagens. Apenas a busca da felicidade, do momento em que se é feliz. Disso, toda a sequência final de **Les Amants** é uma das mais belas figurações que o cinema nos deu.

Luís Miguel Oliveira